2.º Anno — Lisboa, 28 de Junho de 1886 — Numero 50

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha, Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Eu tinha-me preparado para bem morrer, com o competente acto de contricção, o indispensavel exame de consciencia, e tudo. Só não fizera testamento, por ter a certeza de que ninguem me sobreviveria na tremenda e pavorosa catastrophe do fim do mundo, n'aquelle cataclysmo medonho, precedido d'um trovão de seis horas *y pico*, que o Nostradamus terrorista annunciou á humanidade credula. O mais ficára tudo em ordem na vespera do negro *dies irae*.

Reconciliei-me com os meus inimigos; persignei-me tres vezes, guardando o recolhimento d'um bom catholico; disse o ultimo adeus a todas

A ACTRIZ VIRGINIA

as minhas illusões; folheei pela vez derradeira o poema luminoso da minha mocidade distante; despedi-me de todos os meus *bibelots*, de todos os meus objectos mais queridos; lancei um olhar agradecido e triste sobre as minhas pobres chinellas bordadas a *soutache;* afaguei ternamente o *Trovador*, um velho gato branco, que brincára commigo em rapaz, e que teve, na sua juventude irrequieta e aventurosa, miados enternecedores como as canções de Almaviva, para as gatas namoradeiras da visinhança; gratifiquei a creada; escanhoei-me, e depois, com a paz dos justos na consciencia limpa, sem rancores pelo proximo, nem temor das penas eternas, fui muito socegadamente saltar as fogueiras, por esses quintaes conhecidos da cidade de Ulysses, á cata de commoções fortes e de descantes alegres.

Pelas ruas notava-se uma animação desusada e estranha, o movimento vertiginoso precursor dos grandes successos, uns fremitos de vida bebida a largos sorvos, aquella anciedade de gozo que os condemnados á morte proxima devem de experimentar nas vesperas do supplicio.

Nostradamus dissera em tom prophetico:

> Quando Jorge a Deus crucificar,
> Quando Marcos o resuscitar
> E João o seu Corpo abraçar,
> N'esse dia o mundo ha de acabar.

O mundo, repara bem, leitora; o mundo inteiro. Não seria excluida viv'alma, nem o Santissimo Padre de Roma, nem o sr. Marianno de Carvalho, nem o droguista Moreira Lobo da rua de S. Bento, apesar da sua recente notoriedade. Havia de cair tudo fulminado, sob o gladio vingador do grande Jeovah. Não se tratava d'uma simples portaria de *suspensão* do sr. Navarro; tratava-se d'um decreto dictatorial do propheta, que havia de ter execução em determinado dia, quando Jorge a Deus crucificasse e Marcos o resuscitasse.

Ora S. Jorge crucificava a Deus no dia seguinte, e o mundo acabaria por força. Nem ao menos restava a esperança de que a humanidade perecesse por effeito d'um novo diluvio, pois que, em tal caso, tinhamos ainda o recurso das modernas arcas, representadas pelas barcaças de banhos *Deusa dos Mares* e *Flor do Tejo*, e pelo *Pimpão*, o garrido *Pimpão* da nossa marinha de guerra. Não, senhores; o cataclysmo seria outro e nunca visto; um cataclysmo original, sem Noé e sem pomba com ramo d'oliveira no bico. Talvez o fogo? talvez a terra resequida abrindo-se em largas fendas para nos tragar a todos de cambulhada?... Não sei. Em todo o caso, haveria um trovão de seis longas horas ribombando sinistramente, zás, traz, pum, e... acabou-se!

Ora ahi está porque, nas ruas, nós observámos uma movimentação desusada, um vae-vem continuo e sussurrante de populares aos magotes, deixando esvahirem-se os ultimos clarões de vida em trovas alegres como raios de sol, dissipando as horas já contadas da sua existencia em correrias loucas pelo macadam municipal e em libações copiosas na *Adega dos Frades*.

A população da cidade, perfeitamente convencida de que havia de morrer por força, d'ali a breve traço, fôra pela manhã retoiçar nas Hortas, andára pelo Alto do Pina, despedira-se do *Collete Encarnado*, saboreára coelho com batatas na Porcalhota; e banindo do seu espirito todas as tristezas, á força de Falerno ingerido extra-muros, aos meios litros, internára-se em Lisboa, *bras dessus, bras dessous*, disposta a saltar comnosco as fogueiras crepitantes de alecrim e a queimar fogos de Bengala no intervallo das danças movimentadas e dos cantares agaiatados allusivos ao Santo.

Queriam todos morrer gozando e dando cambalhotas, cantando trovas e queimando valverdes.

Narram as chronicas que, no ultimo anno do seculo X, quando se annunciou, como agora, o fim do mundo, toda a christandade fôra preza d'um terror profundissimo, paralysando-se as luctas armadas, os prazeres, os negocios, os trabalhos, tudo emfim.

As populações das cidades, villas e aldeias só cuidaram de morrer na graça de Deus e de deixar os seus haveres ás egrejas e aos conventos, que eram, naturalmente, os chamados a prestar protecção no novo reinado de Christo que ia inaugurar-se. Nas vesperas do dia fatal, as multidões aterradas acotovelavam-se nos templos e nas basilicas, aguardando, cheias d'angustia, que as sete trombetas dos sete Anjos do juizo final resoassem lá em cima. O ascetismo tomou proporções assombrosas e nunca vistas. Uns entregavam toda a sua fortuna aos mendigos. Outros abandonavam as suas terras e fazendas. Bandos de penitentes percorriam a Europa, mostrando os seus corpos flagellados pelos cilicios.

Agora, não succedeu outro tanto, mercê talvez da perversão dos nossos costumes. Ninguem se flagellou com disciplinas e açoites; ninguem se fez asceta; não houve quem abdicasse das suas riquezas em favor dos mendicantes, nem quem abandonasse as suas propriedades e o seu trabalho para se votar á meditação e á penitencia. Outros tempos, outros costumes. Se alguem deixou de trabalhar—e deixaram todos—foi para dar o corpo á folia, as pernas á dansa, as tristezas ao demo e o coração aos prazeres.

Divertio-se cada qual como poude. A nobreza fraternisou com a arraia miuda nos *salsifrés*, sem attender a preconceitos d'etiqueta. Os Maneis beijavam as cachopas ás escancaras, no fremito dos bailaricos. Já não havia convenções, nem decoro, nem rigor de policia, nem nada. Por meia duzia de horas de vida, quando muito, não valia a pena ser rigorista e hypochrita, nem guardar a compostura convencional dos tempos normaes.

—Amanhã acaba-se o mundo, ó Rosa!

—Então, dá-me cá uma beijoca. Não quero ir de palmito á cova, fazendo cruzes na bocca!

E os instinctos brutaes evidenciavam-se a toda a luz n'aquellas orgias d'osculos e descantes, de caricias prolongadas e de cabriolas satanicas por cima do alecrim cheiroso, que ardia sempre, sempre, contorcendo-se sob o calor da chamma intensa.

E de instante a instante, por entre os estalidos das fogueiras e as convulsões do gozo fremente, cruzavam o ar saturado de fumo, trovas provocadoras soltadas por labios sensuaes de mulheres desvairadas:

> Amanhã acaba o mundo.
> Eu não quero que elle acabe,
> Sem saber o que é um beijo,
> E o teu amor a que sabe!

Conscia de que o *Diario de Noticias* não existiria já, d'ali a poucas horas, para descrever estas saturnaes na prosa patusca do sr. Luiz d'Araujo, a multidão delirante ensinava-se á vontade o que era amor, emquanto o governo, reunido no ministerio do Reino, tratava de amnistiar os contrabandistas relapsos e os criminosos politicos, para não levar para a outra vida a espinha de não haver feito, cá n'esta, alguma obra de caridade, e decretava a abolição de 50 % na magnificencia da procissão de *Corpus Christi*, por entender que não valia a pena gastar muita cera com santos ruins a dois passos, da Eternidade.

E afinal de contas, o dia de S. João, aquelle fatidico *dies iræ*, em que Jorge crucificava a Deus e Marcos o resuscitava, deslisou entre galhofas e festas, e o mundo, firme como uma rocha, muito mais firme que o sr. José Luciano, continua a existir, zombando de todas as prophecias sinistras.

Decididamente, este sr. Nostradamus sahio-nos um propheta muito safado! C. D.

A TRASLADAÇÃO DOS OSSOS DE VASCO DA GAMA

EM 1880

II

Alvoreceu radioso e magnifico o dia 7 de junho. No ceu, de um azul purissimo, resplandeceu alegremente o sol, que não quiz faltar aos festejos do ousado navegador, que foi em demanda das regiões que lhe são berço. Das janellas do antigo convento divisava-se um delicioso panorama. Destacava-se na athmosphera transparente, com uma grande nitidez de contornos, a massa verde-sombria dos laranjaes. Pelas alamedas, correctamente alinhadas, desfilava uma immensa multidão com os seus trajos domingueiros e festivos, sulcada, de quando em quando, pelas carruagens, que traziam os altos personagens do districto e todas as summidades alemtejanas. Chegou tambem o regimento de infanteria, que devia prestar as honras ultimas ao grande almirante do mar das Indias e a força de cavallaria que devia escoltar os restos do famoso navegador. Todas as pessoas de certa representação, que chegavam, iam sendo recebidas com uma hospitalidade principesca pela fidalga e illustradissima familia, que felizmente ficára de posse do antigo convento das Reliquias, de forma que já na manhã d'esse dia 7 essa velha casa, poucos dias antes tão socegada e serena, se transformara de subito n'uma colmeia tumultuosa, em que entravam e saiam a cada momento, n'uma azafama continuada, os que vinham formar parte do cortejo, e os que vinham cumprir alguma obrigação, os curiosos e os trabalhadores, os generaes com os seus uniformes brilhantes que subiam para as salas, e os operarios com as suas jaquetas ou as suas blusas, que seguiam para a capella, onde iam proceder ás ultimas obras. Era um borborinho alegre e confuso, que dava gosto a quem o escutava, porque era um rumor de festa, que não era só official, de festa em que todos tomavam parte sincera com verdadeiro e com profundo jubilo.

Quem escreve estas linhas consigna aqui as suas recordações pessoaes, e permitta-nos o leitor que, abandonando por um instante a forma rigida da chronica, recordemos com saudade esses dias de tão intimo e tão sincero jubilo. Na vespera á noite passára-se alegremente n'essa hospitaleira casa; parecia que esse rejuvenescimento da patria, affirmado por tão brilhante manifestação, nos rejuvenescera tambem, e mais pareciamos todos n'essa alegre noitada uns estudantes em ferias, do que uns academicos em missão official. Contavam-se as aventuras da expedição, as explicações que tinham de se dar aos que não comprehendiam o que vinha a ser isto do *centenario*, os manejos diplomaticos a que fôra necessario recorrer para conseguir a separação do anjo Raphael e do menino Tobias, e os echos dos corredores carmelitas repetiam com espanto as nossas risadas, quando de subito vibraram lá fóra as notas festivas do hymno constitucional. Era uma philarmonica da Vidigueira, que vinha dar-nos as boas vindas.

Corremos á janella, alguns que já se tinham enfiado na cama em trajos menores, e debruçados do parapeito, allumiados por duas vellas cuja chamma ondeava a brisa da meia-noite, acordámos aquelles echos nocturnos, pouco habituados a semelhante facto, com os tropos applicaveis ao caso. Depois a philarmonica retirou se; guardámos na gaveta uns a rhetorica, outros as ceroulas; perdeu-se na distancia a ultima vibração dos trombones, que retiravam, e de novo se estendeu pelas campinas adormecidas, debaixo do olhar sereno das estrellas, o vasto silencio da noite, cortado apenas pelo brando ciciar das folhas das larangeiras agitadas pela aragem, pelo canto distante de um gallo, pelo mugido brando e triste de alguma vacca, a sonhar, ou pelo ladrar muito distante do cão de guarda de alguma herdade isolada, que esse rumor estranho e desusado dos hymnos da philarmonica despertára em sobresalto.

Tambem no dia 7, de manhã cedo, quando ainda não tinham chegado a maior parte dos personagens que deviam tomar na ceremonia uma parte official, fomos respirar o ar fresco da madrugada, percorrendo as alamedas umbrosas do laranjal. Que delicioso passeio! Estava tudo tranquillo ainda. Essas alamedas, onde d'ahi a poucas horas entrariam a animação e o tumulto, estavam então como que respirando tambem no silencio placido os effluvios da madrugada; uma luz suave e diffusa como que impregnava as arvores e as plantas rasteiras na sua immensa e benefica irradiação; scintillavam como as perolas do orvalho as folhas metallicas das larangeiras; chilreavam aqui e alem alegremente os passaros, saindo do ninho como umas settas arrojadas ao céu, e voejando com jubilo por cima da copa do arvoredo; sentia-se o restolhar das folhas na passagem de algum animalsinho, que fugia ao sentir-nos os passos; e nas clareiras ouvia-se, de quando em quando, esse canto delicioso, ora alegre, ora melancholico, mas sempre crystallino, da agua corrente, que n'estas madrugadas ridentes é como que o fresco palrar jubiloso das antigas nymphas pagãs, e á hora do crepusculo parece antes o longo choro sentido das naiades das fontes...

Approximou-se entretanto a hora aprazada, e a commissão academica foi tratar dos preliminares da ceremonia. Tratou-se primeiro do que tudo de tirar de dentro da sepultura os ossos do grande navegador, e de os encerrar dentro da urna que os havia de transportar a Belem, e que devia d'ahi por diante guardal-os na sombra augusta do magestoso templo.

A igreja de Nossa Senhora das Reliquias é uma igreja singella e alegre, que tem um aspecto elegante com as suas duas torres muito simples, a sua varanda sobre o portal, e a sua cruz grosseira no adro. Quando a commissão, acompanhada pela poucas pessoas que deviam ser testemunhas d'esse acto, entrou na igreja, estava esta completamente deserta; mas o sol entrava risonho e festivo por uma das janellas, e batia de chapa no chão da capella-mór, todo forrado de sepulturas. A' direita do altarmór estava a campa do homem illustre onde se lia este singelo epitaphio:

AQUI JAZ O GRANDE ARGONAUTA DOM
VASCO DA GAMA 1.º CONDE DA VIDIGUEIRA
ALMIRANTE DAS INDIAS ORIENTAES
E SEU FAMOSO DESCOBRIDOR

No resto da capella-mór viam-se as sepulturas de D. Estevão da Gama, filho do grande homem, celebre capitão de Malaca e governador da India, de um neto, D. Miguel da Gama, fundador da egreja, de D. Guiomar de Vilhena, mulher do segundo conde da Vidigueira, do quarto conde da Vidigueira, D. Francisco d Gama, de seus filhos D. Vasco e D. Maria Mascarenhas; de) Leonor Coutinho de Tavora, do 5.º conde da Vidigueira e 1.º marquez de Niza, que foi embaixador em França depois da restauração de 1640, e de seus filhos D. Francisco Luiz da Gama, 2.º marquez de Niza, e D. João da Gama.

Ha mais sepulturas no resto da egreja, mas a familia de Vasco da Gama esta toda na capella-mór.

Entre as outras campas a que nos referimos, ha uma que devemos citar—a do padre André Coutinho, que foi o primeiro padre que se ordenou na China.

Quando os trabalhadores levantaram a campa de Vasco da Gama, tiveram todos uma impressão profunda. Iriamos ver face a face o immortal descobridor? Mas o primeiro olhar lançado para dentro da sepultura destruio essa impressão. O que lá se via confundido com a terra era um montão confuso de ossos, pertencentes evidentemente a diversos individuos. Bastará dizer que logo se encontraram dois ou tres craneos, uns poucos de fémures e de tibias... Achavamd-nos por conseguinte em frente de um problema.

A explicação d'esse facto é simples e é triste. Não ha sepultura em Portugal, que não tenha sido revolvida por mãos sacrilegas. As invasões estrangeiras, que foram sempre entre nós tão devastadoras e crueis, as discordias civis que em varios pontos do reino teem por muitas vezes deixado andar á solta a plebe tumultuaria, são as causas d'estes actos repugnantes. A soldadesca e o populacho imaginam sempre que, dentro das sepulturas dos grandes da terra se encontram riquezas prodigiosas, que os movem a arrombal-as. Deu-se este caso com a sepultura de Vasco da Gama. N'um periodo qualquer das nossas guerras civis, a sepultura foi arrombadas, os ossos foram dispersos juntamente com outros, e depois arrojados de novo confusamente para dentro da sepultura, roubada de certo de algum objecto precioso que por acaso encerrasse. Estaria pois dentro d'essa sepultura pelo menos o craneo de Vasco da Gama? Isso estava. Qual d'esses craneos seria?

A respeito do craneo comtudo é que parece que não devia haver duvida alguma. Um craneo que tinhamos na mão era incontestavelmente de um velho, e como fóra esse não havia senão craneos de crianças a duvida não era possivel. Estavamos em presença do craneo de Vasco da Gama.

Dizer as impressões que nos salteiaram, logo que penetrou no nosso espirito a convicção de que era o craneo do famoso descobridor da India que tinhamos nas mãos é impossivel. Só o genio de Shakespeare pode encontrar a expressão verdadeira para esse mundo de pensamentos que nos tumultuavam no cerebro. Se Hamlet podesse ter n'uma das mãos o craneo de Vasco da Gama na outra o craneo de Yorick, se podesse soperal-os e ver equiparados n'essa tremenda igualdade do nada o cerebro que foi illuminado pela chamma interior do genio e o que obrigou simplesmente o facho trémulo da razão de um louco!... Que ensinamentos n'essa lição!... Que versos sublimes não accrescentaria o poeta do Avon a esse dialogo immortal de Hamlet e de Horacio no cemiterio de Elsenor.

Qual era o motivo d'essa impressão estranha? Porque é que sentiamos todos o caláfrio das grandes commoções ao sentirmos na mão um craneo, que fôra quasi quatro seculos antes agitado por tão levantados pensamentos? Quem pode dizel-o! Era tão complexa a causa! mas o pensamento predominante no nosso espirito, era o seguinte talvez: O que! pois um homem concebe o altivo pensamento de ir atravez do desconhecido procurar as regiões da aurora! esse pensamento executa-o com toda a energia de uma coragem indomavel! Affronta sem desanimar as borras-

cas infrenes do cabo Tormentoso! domina com o prestigio da sua energia os lobos do mar que o acompanham, e que bastam, a um e um, para infundir pavor ás mais barbaras gentes! Entra, sereno e firme, n'essas côrtes orientaes, para elle desconhecidas, e cheias, como as florestas da India, de traições e de venenos! volta cercado da auréola dos semi-deuses, e é acolhido na sua patria com um immenso canto de triumpho! vê o seu nome repetido por todos os echos do mundo civilisado! Na côrte deslumbrante do papa Leão X, e nas côrtes semi-barbaras dos povos slavos, o seu feito e a sua gloria encontram a admiração e o applauso! vê erguer-se em Belem, em honra das suas façanhas, esse maravilhoso templo, onde fica perpetuada a sua fama nos rendilhados do portal, e nas altas abobadas sombrias, e no lagedo sonoro, onde os passos do visitante parecem despertar todos os echos da nossa gloria antiga! morre emfim, elle o grande almirante e o grande vice-rei, na terra dos prodigios que a sua audacia entregou ao dominio da sua patria! cercado do respeito superesticioso d'esses povos que a sua energia assombrára! como se lhe não bastasse o templo, tem ainda a epopêa! como se os esguios columnelos não fossem sufficientes para levantar o seu nome ás regiões sideraes, vem ainda as estrophes aladas de Camões embalal-o no ambiente luminoso, onde pairam eternamente sobre as ruinas da patria! O seu nome glorioso é, como o nome do seu cantor, o unico nome portuguez que se salvou do esquecimento ingrato do universo! e toda essa gloria, e todo esse prestigio, e toda essa energia e todo esse poder, e toda essa força estão aqui reunidos n'este envolucro osseo insensivel, que um de nós segura nas mãos, no recinto pobre e modesto de uma egreja do campo, deserta a essa hora ou quasi deserta, e cujas desornadas janellas deixam passar um raio de sol que vae illuminar a campa onde se lêem estas palavras; *Aqui jaz o grande argonauta D. Vasco da Gama!* Grande! é então que nos lembra o magnifico exordio do sermão das exequias de Luiz XIV. Com o craneo de Vasco da Gama nas mãos, como o famoso prégador francez perante a eça que encerrava os restos mortaes do rei quasi omnipotente, ouviriamos tambem essa brevissima phrase, que elle soltou dos labios apenas subiu ao pulpito e que vale só por si um longo discurso: *Só Deus é grande!*

PINHEIRO CHAGAS.

VITA NUOVA

Ao ver-te o languido rosto,
O olhar suavissimo e brando,
Como quem anda scismando
N'algum intimo desgosto;

Ao ver-te aquella expressão
Dos olhos negros, profundos,
Que a gente pensa que estão
Pregados lá n'outros mundos...

Como o olhar d'um cherubim
Se enlaça no olhar de mãe,
Ao ver-te scismar assim,
Fiquei scismando tambem.

Immerso em volupia tanta
Pairava n'um doce effluvio,
Como a barca sacrosanta
Sobre as aguas do diluvio.

Nem tu de certo imaginas
Todo o bem que me fizeste
Lançando ao pó das campinas
Teus olhos, lyrio celeste!

Eu era a flor que nasceu
Escondida entre os abrolhos:
Chegou-me a luz dos teus olhos
E vi logo a luz do céo.

Como andorinha ligeira
Leva no bico uma flor,
Levaste-me a vida inteira
Na aza do teu amor.

Quem tivera mil amores
Para todos t'os mandar,
Como um punhado de flores
Que andam dispersas no ar...

Que martyrio inda não visto,
Ai! que martyrio sem fim,
Se eu podera ser o Christo
E tu a cruz de marfim!

Passei-te rente ao mirante
E dei de cara comtigo,
E tu lançaste ao mendigo
O teu olhar—um diamante...

E eu, levantando do chão
A esmola, o candido aljofre,
Metti-o dentro d'um cofre,
Metti-o no coração.

Meu coração é quadrante,
Quadrante do meu desejo:
Nas horas em que te vejo
Não marca mais que um instante.

Como alampada sombria
Balouçando a frouxa luz
Por defronte d'uma cruz
Toda a noite e todo o dia;

Assim paira esta minh'alma
Diante da alma tua...
Como paira incerta e calma
Pelos céos a luz da lua...

GUERRA JUNQUEIRO.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 48)

V

Vida nova

Essa noite passou rapida nas doçuras criminosas da lua de mel illegal dos seus amores infames.

Pela manhã, quando accordaram do longo somno do extenuamento amoroso, accordaram tambem do seu sonho de venturas e despertaram para a realidade da vida.

Encararam então francamente a sua nova posição, pensaram de vez no que havia a fazer, no caminho a seguir, e ambos, ella com a alegria de quem se liberta d'uma cadeia, elle com o desanimo de quem se vê forçado a entregar os pulsos ás algemas, exclamaram cada um no seu tom:

—Vida nova!

E como não havia outro remedio, lançaram-se ambos resolutamente a essa nova existencia, entraram decididos no novo caminho que o acaso lhes talhára e começaram a procurar ambos, com muito boa vontade, com uma persistencia tenaz, tornar essa nova vida o mais confortavel possivel, rodeada de todas as commodidades, expurgada de todos os perigos.

A velha e modesta casa da rua das Damas foi por algum tempo o ninho d'esses amores adulteros.

Antonina não tinha uma grande sympathia por essa casa, pelo contrario até, detestava-a, achava-a triste, immunda, pequena, indigna de si.

Não fôra para se ir incafuar n'aquella gaiola, dizia ella muitas vezes aos seus botões, e algumas mesmo, um pouco azeda, ao seu amante, que deixára o seu marido, que arrostára com o desprezo das suas amigas, com o estygma da gente honesta, que abandonára sua filha, e a sua casa, a sua casa que era um palacio de fadas ao pé d'aquelle cubiculo de marçano pobre e pouco asseiado.

O Fonseca torcia-se todo, tinha muitas vezes vontade de lhe responder torto, de lhe perguntar quem a tinha chamado a esse tal cubiculo, mas olhava para ella, e a sua formosura provocante, o seu ar imponente de estatua, continham-n'o, impunham-selhe, e, coitado, contentava-se em responder encolhendo os hombros, mascarando o seu mau humor com um bom ar de resignação paciente.

—Mas o que queres tu que se faça? O Luiz ainda está lá para o Porto, mais dia menos dia vem a Lisboa, e se eu me mudar para um palacio, elle dá logo pela coisa. Assim aqui, ninguem sabe que tu estás cá. Quando elle vier a Lisboa, se me procurar em casa, eu recebo-o como de costume, e elle poderá suspeitar de tudo, menos de que tu estás aqui, paredes meias com a casa onde elle estiver.

Antonina reconhecia effectivamente que o Fonseca tinha rasão, que seria a mais tola das inconveniencias, o mais brutal dos escandalos, o mais idiota e inutil dos descaros, porem-se ambos a viver maritalmente, nas faces do publico, com um grande alarde d'ostentação, com um grande luxo de vida faustuosa.

Resignou-se portanto, contando desforrar-se com usura mal apanhase seu marido fóra de Portugal, e matando as compridas horas d'aborrecimento e de solidão claustral que passava na rua das Damas a phantasiar as delicias do seu viver futuro, os esplendores da abastança e da opulencia que a esperavam, em fazer castellos no ar, que passado tempo o pobre Fonseca devia reproduzir no bairro da Lapa.

E o Luiz sem vir do Porto!

Antonina começava a impacientar-se deveras, e ás vezes, nas suas horas de aborrecimento, sentia uma enorme saudade da sua filha.

DUQUE DE CHARTRES

PRINCIPE JORGE D'INGLATERRA

Mas isso passava-lhe depressa, eram sol de pouca dura, esses relampagos de amor maternal, e a'ali a nada a mãe inconsolavel achava-se outra vez muito entretida, muito deleitada a phantasiar toilettes extraordinarias, carruagens sumptuosas, festas esplendidas que lhe haviam de pagar com juros de Harpagão as suas horas de semsaboria e de insipidez.

Finalmente, uma manhã cedo, quando ella se espreguiçava ainda sonnolenta no seu leito e o Fonseca em mangas de camisa fazia a barba a um espelho, que tinha dependurado á janella, bateram á porta.

—Hade ser o padeiro, disse o Fonseca limpando a navalha ao panno da barba.

—Quantos pães quer, ó senhora? perguntou lá de dentro, da cosinha, a criada velha, arrastando vagarosamente os pés mettidos nos chinellos da manhã.

Antonina não respondeu.

—Menina, estão a perguntar-te quantos pães queres? repetiu o Fonseca voltando-se para ella.

E como a visse com os olhos semi-fechados ainda, pouco disposta a accordar de todo para entrar logo na prosa reles da governação da casa, respondeu por ella á creada que se aproximava chinellando:

—Os do costume! compre os do costume.

—Dois pequenos e dois grandes, não? perguntou affirmando ao mesmo tempo a velha, chegando-se á mesinha da cabeceira para tirar a chave da porta da rua, que, como medida preventiva, desde que se achava tambem casado em Lisboa, o Fonseca guardava ali, prudentemente, todas as noites, depois de ter fechado e trancado a porta pelas suas proprias mãos.

A velha lá se foi arrastando pesadamente pela escada a baixo, com a chave e o cesto do pão, e o Fonseca voltou despreoccupadamente á sua barba, escanhoando-a com todo o cuidado d'um elegante e com toda a arte d'um barbeiro.

Mas d'ali a nada, a velha criada galgando a escada com uma presteza de menina ligeira, chegava outra vez á porta toda tremula, esbaforida, e dizia com voz atrapalhada, em tom muito baixo, quasi em segredo:

—O' senhor! senhor!

—O que temos? perguntou seccado o Fonseca, sem tirar os olhos do espelho e a navalha da cara.

—E' o marido da senhora! soprou, mais que fallou, a velha.

—Hein? exclamou assombrado o Fonseca vo'tando-se muito pallido, com a cara toda cheia de sabão e fazendo um gilvaz ao pé d'uma orelha— O Luiz?

—Sim senhor, eu disse-lhe que o senhor estava ainda recolhido, mas elle disse que esperava, que quer por força fallar-lhe...

—Por força! repetiu assustado o Fonseca, abanando Antonina para lhe dar a noticia.

—Eu mandei-o entrar para a sala.. Coitado! Está tão acabado que nem parece o mesmo homem!

(Continúa)

GERVASIO LOBATO.

SÓ NO MUNDO!

—Então, sr. Andrade, sempre é certo, a minha Joanninha... vae-se embora!...

E o bom do Miguel ficou suspenso dos labios do douctor.

—Que te hei de responder, meu rapaz!... O futuro nol-o dirá!... O que é certo é que tenho empregado todos os esforços para a salvar, sem que até hoje...

—A minha pobre Joanna, coitadinha!... Tão nova, tão boa, tão linda... quando outras... Quer que lhe diga, sr. Andrade,... não sei o que se passa em mim... parece-me que ás vezes chego a descrer d'essa bondade divina, de que tanto nos falla o nosso bom padre José!...

—Que é isso, Miguel, o desvairamento torna-te louco!... Lembra-te que Deus é o Supremo Arbitro dos nossos destinos e que só a elle é dado operar o milagre de salvar a tua mulher... Anda, anda, vae para junto d'ella, ministra-lhe o tratamento que te indiquei, e sobre tudo tem fé.

E proferindo estas palavras em tom sentencioso, o velho douctor compoz as redeas, verificou a estabilidade do coçado albardão e por fim encavallitou-se no dorso da alimaria, que em andadura pachorrenta se foi pouco a pouco affastando.

Miguel, encostado ao muro da sua humilde cabana, ficara-se a scismar nas ultimas palavras do Andrade, sem poder despregar os olhos lacrimejantes e inchados do carreirinho que serpenteava encosta acima, e que o outro seguia muito impavido, bifurcado na nedia mulinha.

Alto, musculatura de athleta, peito largo com grandes exuberancias de carne, coalhada de pêllos rijos e lustrosos, barba inculta e espessa, tez crestada, olhar vivo e agreste, modos rudes e selvaticos, aquelle Miguel era o typo do montanhez na sua genuina pureza.

Se de relance, estas exterioridades poderiam infundir temor, a convivencia depressa patentearia um fundo de magnanimidade n'aquelle obscuro filho das selvas. Na sua physionomia francamente aberta a todas as emoções, não havia uma só linha que denotasse prevertimento ou maldade.

De resto, tinha boa fama na aldeia, se bem que todos fossem unanimes em censurar-lhe os habitos um tanto reservistas e misanthropicos, o que fizera nascer a antonomasia de *Bicho do matto* porque era geralmente conhecido.

*

Casara havia seis mezes com a Joanna, uma alentada rapariga de faces rochunchudas e pennugentas, olhar magano e seio tumido e roliço.

A lua de mel correra perfeitamente. Miguel não tinha de que se arrepender, porque a Joanninha, como elle lhe chamava, era mulher de boa tempera, activa e infatigavel, prompta sempre a auxilial-o no seu arduo mister, sem que isso jamais lhe fizesse esquecer o arranjo e boa ordem do *ménage* lilliputiano, que ella dirigia com o maximo desvelo.

E elles lá iam fazendo pela vida, muito amiguinhos um do outro, muito á sua vontade na esboroada choça do bosque, onde ninguem se lembrava de os ir importunar; e era sempre com verdadeiro appetite que se sentavam á tosca mesa, onde fumegava a marmita caseira atafulhada de sopas com grande abundancia de vegetaes, adubadas pela robusta Joanna, que aqui entre nós, era uma rasoavel cosinheira.

Com effeito, aquelle casamento fôra um fortunão para o excellente Miguel. Nunca imaginara que a sorte o havia de proteger tanto!... E se, por acaso, a gente da aldeia lhe perguntava pela mulher, elle, que não via outra cousa, respondia sempre, impando de orgulho e contentamento:

—Está rija e forte com um touro!... E é sempre assim!... Aquillo é uma cachopa de truz!...

E quando um dia a Joanna, depois de um joguinho preambular, obrigado a olhadelas ternas e a gestos significativos, o inteirou do seu estado de gravidez, o enthusiasmo do Miguel tocou então as raias do indiscriptivel!

—O' Joanna,... tu que dizes, anh?... Será elle ou ella?!... perguntava o futuro pae muitas vezes á cara metade. E como esta se ficasse a olhar para elle, sem nada respondar, rematava sempre:

—Hade ser elle!... Hade ser elle!... Pois então porque não havera de ser!...

Uma vez encasquetada na cachimonia a mania de que a Joanna lhe havia de dar um rapazote, ninguem seria capaz de demovel-o d'aquella ideia.

«—...Que havia de ser um mocetão como uma flor,... Que o mandaria para a escola, pois de modo algum queria que o seu filho tivesse sorte egual á d'elle, que nunca passara de um tenuante de florestas,... Que faria do rapaz um grande homem, regedor da parochia..., cabo de segurança, ou cousa que o valha!...

Taes eram as ideas do Miguel a respeito do seu primogenito, ideas que expunha com um profundo contentamento e cuja realisação acceitava com essa ingenuidade peculiar ao camponez.

Outras vezes era o quadro da sua futura familia que se lhe representava em mente, quadro risonho e de côres muito vivas, feito ao sabor da sua phantasia pittoresca.

Tal qual como o mestre escola da aldeia, elle via-se rodeado de uma ranchada de garotitos muito roliços e anafados, mas em logar de os atormentar com o aspecto hediondo da ferula tradicional, fazia-lhes muitas festas, a que elles correspondiam rindo estrondosamente, prendendo-se-lhe nas pernas, trepando-lhe ao pescoço, fazendo-lhe bichinha gata e mil outras momices e graciosas artimanhas tão proprias da pequenada buliçosa e irrequieta.

E o caso é que elle dera uma completa reviravolta! O fugidio labrego, o rude misanthropo, tornava-se sociavel, expansivo, folião!

Communicava a meio mundo as suas impressões, com bastante despeito e magua da terna Joanninha que, costumada como estava ás caricias do marido, não podia deixar de ver com maus olhos estas frequentes sahidas.

*

Uma manhã a Joanna acordou indisposta. Tentou ainda dar algumas voltas, mas pouco depois deixava-se cahir extenuada n'um velho escabello.

Sentia caimbras, cobria-se de suores frio, o peito arfava-lhe violentamente e via os objectos moverem-se á roda d'ella n'um corropio infernal.

Não podia mais. Teve de recolher á cama.

Este facto deixou bastante preoccupado e compungido o Miguel, que todavia não se chegou a assustar. Aquillo poderia ser um incommodo passageiro, uma forte constipação talvez.

A ACTRIZ ANNA JUDIC

E dormiu socegadamente. No dia seguinte o seu primeiro pensamento foi para a Joanninha e ia perguntar-lhe como se achava, quando o quadro que subitamente se lhe deparou o fez arrancar um grito de dor e desespero.

A Joanna estava deitada de costas, ao lado d'elle, e descançava a fronte sobre a farta coma dos seus cabellos de azeviche, desordenadamente esparsos no travesseiro.

A cutis esmorecida e branca como a petala de um lyrio, os labios resequidos, sem côr, as palpebras unidas e debruadas de um profundo circulo violaceo, a immobilidade quasi rigida dos membros, fazia suppor que estava ali um cadaver, se não fosse o ruido da respiração, alterosa e irregular como a de todos os enfermos.

O sol apenas nascido, filtrando-se com difficuldade atravez a fresta da humilde alcova, espadanava um raio de luz morna e suave em volta do busto de Joanna, branco e immovel como uma estatueta de Phidias.

Ao grito do Miguel, lancinante e agudo como a dor que subitamente lhe esfriara o coração, ella descerrou as palpebras pouco a pouco, como que a custo, e correu o olhar vago e incerto por toda a casa, até fixal-o no rosto angustiado do marido que lhe perguntava n'um tom de infinita meiguice:

—Então, minha Joanna, que é isso?... Não estás melhorsinha?!...

—Ai! não sei o que sinto,... mas parece-me que estou muito doente. Faltam-me as forças... Queria levantar-me e mal posso erguer a cabeça!... Se soubesses, Miguel, tive pesadellos horriveis... Estava muito mal, á morte... Tu choravas como um perdido... Depois... depois... Olha,... eu ia morrer, e tu ficavas só no mundo, sem a tua Joanna que não mais tornarias a ver...

—Então que historia é essa, agora! .. Exclamou o Miguel, simulando uma firmeza que estava longe de sentir. Com effeito, nunca pensei que fosses tão fraquita da cabeça!... Pois pode lá morrer quem ainda hontem era a rapariga mais valente do sitio!... Ora vamos, filha, não me tornes a dizer essas cousas... Quero ver-te muito socegadinha e corajosa como d'antes; d'outra maneira, arrelio-me!... Isso não hade ser nada, se Deus quizer! .. Escuta, eu vou chamar a sr.ª Dorotheia para ficar aqui emquanto corro a avisar o sr. Andrade. Tenho muita fé n'elle!...

E pousando os labios na fronte livida da Joanninha, sahia, fortemente commovido lá no fundo, porque secretos presentimentos o advertiam de que sua mulher estava perigosamente enferma.

*

A doença da Joanna era um complicado problema pathologico, que a sciencia do doutor, um pouco antiguada, valha a verdade, não conseguia resolver. O illustre Esculapio perdia-se completamente n'um dedalo de symptomas que elle não sabia como conciliar e a que causa attribuir; espantavam-n'o aquellas longas intermittencias, especie de treguas concedidas pelo mal ao organismo, e que precediam sempre um novo attaque mais encarniçado que os anteriores.

Entretanto, a doente definhava-se cada vez mais, e o Andrade estava tão adiantado como no principio.

Por fim, farto já de tantas conjecturas e illações estereis e depois de ter ensaiado uma multiplicidade de drogas a que só poderia resistir uma compleição robusta como a da Joanna, entendeu que não havia alli nada a fazer e que a enferma estava irremediavelmente condemnada. Era um resultado pouco animador, mas muito positivo!

Quanto ao Miguel, esse andava n'um estado que causava dó!

Quem o visse n'outros tempos, quando elle, montanhez audaz e vigoroso, dotado de uma tempera de bronze que não conhecia obstaculos, trepava ao alto das mais alcantiladas montanhas, apenas arrimado ao seu varapau de dois ferros, sob as ardencias da canicula que em nada o influenciavam, difficilmente o reconheceria no desgraçado que para ali vegetava, magro, atrophiado pela inanição, consumido pela dor pungente que lhe dilacerava a alma!

O soffrimento cavara-lhe rugas profundas no rosto escaveirado e livido, onde bruxuleavam, como duas lampadas mortiças, os olhos constantemente avermelhados pelas lagrimas e pisados pelas insomnias.

A barba, que elle votara ao abandono, descia-lhe esqualida e hirsuta até meio do peito, dando-lhe á phisionomia um tom pronunciadamente selvatico.

O infeliz era a sombra de si mesmo!... Devido á fé inconsciente que sempre depositara no douctor Andrade, animara-o, ao principio, as mais solidas esperanças quanto ao salvamento da sua idolatrada Joanna.

Mas ai! essas esperanças fulgiram um momento como as rosas, e lá foram cahindo uma a uma, como as folhas resequidas das arvores que as brisas outoniças despenham no solo!

Então, uma palavra sublime lhe subiu do coração aos labios, como uma prece viva, e sem duvida a expressão de pura crença, fulgido diamante que lá dentro illuminava as trevas da sua rude ignorancia! Deus!

Oh, sim!... O Deus que elle começara a adorar em creança, quando seus paes o ensinavam a balbuciar as primeiras orações, esse Deus incognoscivel, cheio de bondade infinita e de inexgotavel misericordia, que o velho evangelisador do padre José não cessava de exaltar, não transviaria a alma da sua Joanna, tão boa e tão amante, não apagaria a vida d'aquelle corpo em plena efflorescencia da mocidade, thesouro de beijos e de amor que era o seu unico bem, a sua unica riqueza na terra!...

—«Lembra-te que Deus é o Supremo Arbitro dos nossos destinos e que só a elle é dado operar o milagre de salvar a tua mulher!...» dissera-lhe o douctor.

E estas simples palavras, que tão a proposito vinham corroborar a sua derradeira esperança, tinham-n'o deixado pensativo!

*

Dez horas acabavam de soar no pequeno campanario do presbyterio.

Era uma d'essas gélidas e sombrias noites de inverno, que são o terror dos visionarios e dos miseros para quem a sorte decretou um molho de palha fetida em logar do flaccido edredon, dos perfumados e tepidos lençoes de Hollanda, e das pilhas de felpudos cobertores...

Nem uma unica estrella no firmamento toldado de grossas nuvens, por entre as quaes apenas se entremostrava, n'uns pallidos sorrisos, a poetica Delia dos namorados.

Pelos campos fóra só se ouvia a zunida melancholica dos carvalhaes batidos pela fresca aragem do nordeste, ou o piar soturno dos mochos que esvoaçavam pelo escuro tenebroso dos ares.

....

Um biombo esburacado e carcomido dividia a choupana do Miguel em dois compartimentos. Um d'elles servia de casa de entrada, cosinha e casa de jantar, o outro era a alcova, onde vamos introduzir o leitor.

N'aquelle momento, a Joanninha dormitava, estendida no humilde catre d'onde só devia sahir para o tumulo.

Pobre Joanninha... não era mais que um lyrio estiolado prestes a desprender-se da haste!

A doença desfigurara-a muito, mas não conseguira apagar de todo os traços da sua antiga belleza.

Aquelle organismo estava gasto e completamente esphacelado pelo mal excruciante que ia victimal-o.

Após a lucta pela vida, viera o esvaimento de forças, o deliquio e com elle a quasi total paralysia das faculdades.

Não fallava, não pensava, não sentia!... Era um corpo inanimado, que as leis immutaveis da decomposição reduziriam dentro em pouco a farrapos de materia corrupta!

Ao lado do leito e sentada n'uma cadeira, escabeceava uma mulher idosa, que outra não era senão a boa Dorothea, a generosa e solicita enfermeira da infeliz Joanna.

A um canto da alcôva havia uma velha arca para onde o Miguel se atirara. Tinha curvado o tronco sobre as pernas e escondia a fronte com as mãos enormes, por entre os dedos das quaes se filtravam lagrimas ardentes e volumosas como punhos.

D'ali não sahia um gemido, uma supplica, um queixume...

Apenas aquelle chôro silencioso, que era a muda testemunha de um desespero atroz!...

E' que na sua alma já não floria o roseo botão da esperança!...

E' que a morte tudo lhe ia roubar... A mulher, o filho, a fé e as illusões em que elle, desvairado por um bafejo de felicidade, chegára a entrever um bando de creancinhas que lhe davam o doce nome de pae!...

....

Houve um momento em que, no meio das suas tristes reflexões, julgou ouvir um gemido.

Correu logo ao leito e certificou-se de que sua mulher acabava de despertar.

A moribunda tinha os olhos desmesuradamente abertos, e animados por um fulgor extraordinario.

Descerrava os labios, desejando dizer alguma cousa, e os labios tornavam a fechar-se, sem que d'elles sahisse o minimo som.

Então o Miguel chegou-lhe á bocca um pequeno pucaro com agua e ella sorveu alguns golos.

Depois scintillou-lhe no olhar um lampejo de gratidão.

O Miguel adivinhára o desejo que ella não podera exprimir!...

....

Pela noite velha, a Joanna, depois de um prolongado espasmo, foi accommettida pela agonia.

O Miguel em balde tentava reanimar, com os seus beijos de fogo, aquellas faces que arrefeciam lentamente!

E quando elle, meio allucinado, a chamava a si, pronunciando mil vezes o seu nome com affectuosa doçura, ella teve um gemido, como se ainda quizera responder-lhe, e n'um ultimo assomo de vida soergueu a fronte, que logo tombou inerte sobre o travesseiro.

Estava morta!

Duarte Cid.

AS NOSSAS GRAVURAS

A ACTRIZ VIRGINIA

Ainda ninguem teve ahi a coragem de dizer em lettra redonda qual é a nossa primeira actriz, para não descontentar as que se reputam com direito a cingir a corôa de rainha; mas se se procedesse a uma eleição por escrutinio secreto, para designar a primeira entre as primeiras, apostamos já um contra dez mil em como Virginia seria acclamada por grande maioria de votos, incluindo o nosso.

Além de possuir um talento extraordinario, malleavel e delicado, Virginia possue uma voz formosissima e crystalina, que não se assemelha a nenhuma outra, que impressiona d'um modo estranho as plateias, e que faz vibrar de commoção a nossa alma, depois de nos ter affagado cariciosamente o ouvido, como uma musica celestial e encantadora.

A sympathica actriz revelou-se logo uma artista *di cartello*, ao estreiar-se no theatro do Principe Real, ainda ignorada de todos, obscura e simples. Depois, no theatro de D. Maria, onde hoje se encontra, a sua carreira artistica tem sido uma serie enorme de colossaes triumphos, desde a interpretação da idyllica Maria do *Frei Luiz de Sousa*, até ao desempenho das protogonistas da *Fedora*, da *Dionisia* e da *Princeza de Bagdad*.

Virginia acaba de partir para o Rio de Janeiro com uma *troupe* artistica do nosso primeiro theatro de declamação. Nunca ali fôra; é a primeira vez que abandona o seu palco dilecto para se aventurar, em excursões largas e demoradas, pelas terras fluminenses.

Estamos certos de que o Novo Mundo ha de saudal-a como a primeira estrella da Arte dramatica portugueza, e depôr aos seus pés as homenagens a que a discipula bem amada do grande actor Santos tem direito.

O PRINCIPE JORGE D'INGLATERRA

O principe Jorge é filho do principe de Galles e neto da rainha de Inglaterra.

E' um rapaz illustrado, que tem verdadeiro amor pelo engrandecimento da marinha britannica, carreira a que se dedica com distincção.

O principe Jorge veiu expressamente a Lisboa para felicitar suas magestades e o principe real pelo feliz enlace que a nação ha pouco festejou, e foi em seguida, no *Imogene*, reunir-se á esquadra britannica do Meditteraneo, a que pertence.

DUQUE DE CHARTRES

Roberto de Orléans, duque de Chartres, que, com seu irmão o conde de Paris, esteve ha pouco entre nós, nasceu em 1840.

E' um temperamento de soldado, que adora o trabalho incessante, as fadigas pesadas, os perigos e as glorias da vida militar em campanha.

O duque fez as suas primeiras armas no exercito piemontez, e pertenceu, na qualidade d'alferes, ao regimento de cavallaria de Nice. Mais tarde esteve ao lado do conde de Paris, na guerra da America, distinguindo-se nos postos avançados, arriscando a sua vida em muitas circumstancias, com uma coragem quasi temeraria. Ao deixar a America fez longas viagens, com o fim de se instruir, e escreveu paginas brilhantissimas sobre assumptos militares.

Em 1870 alistou-se, sob o nome de Roberto o Forte, nas fileiras do exercito francez.

Todos sabem como então se portou.

Quando, em 29 de fevereiro de 1871, fôram votados pela Assembléa os preliminares da paz, o duque partiu para Inglaterra, não sem ter corrido perigos enormes, achando-se em Paris durante o periodo funesto da Communa.

De volta á França, em 18 de março, foi proposto, sob o seu nome de emprestimo, pelo general Chanzy, para o grau de cavalleiro da Legião de Honra.

Em seguida enviaram-o á Algeria, onde teve occasião de testemunhar o seu zelo e amor pela França. A carreira militar do duque de Chartres faria honra aos mais bravos.

Em 11 de junho de 1863 o illustre principe desposou sua prima, a princeza Francisca Maria Amelia d'Orléans, filha do principe de Joinville.

A duqueza tem quatro filhos d'este matrimonio, quatro dignos descendentes do duque de Chartres, que hão de seguir as gloriosas e nobres tradições de seu illustre pae.

A ACTRIZ ANNA JUDIC

Todos se lembrarão d'ella ainda, por certo, da endiabrada Lili, que em 1884 cuvimos no theatro da Trindade, e que entre nós conquistou geraes sympathias, pelos seus encantos de mulher e pelo seu formosissimo talento d'actriz.

Anna Judic (ou Anna Damien) nasceu a 17 de julho de 1850 em Semur, le Clos-Vaugeot, departamento da Côte-d'Or, o paiz do bom vinho e das bellas paizagens, que communicaram á sua alma as alegrias sãs e produziram a vivacidade admiravel do seu espirito.

Trazia de origem sangue de artista, pois era parente de Lemoine Montigny, que foi muito conhecido em Paris, como director do *Gymnase*.

Desde muito creança manifestou-se n'ella uma ardente e irresistivel vocação para o theatro.

A mãe baldadamente buscára dissuadil-a d'este trilho de luminosos espinhos.

Anna Damien perseverou no intento; e graças á protecção do tio Montigny, conseguiu entrar para o conservatorio, onde tambem aprendeu piano e canto.

N'essa epoca desposou mr. Judic.

A sua natureza impetuosa e irriquieta não lhe consentiu esperar pela conclusão do curso do conservatorio, para encetar a sua carreira artistica.

Debutou no *Gymnase*, onde apenas se tornou notavel pela sua formosura, porque os papeis que Montigny lhe destinára em varias peças, eram demasiado modestos e singelos para lhe fornecerem ensejo de manifestar os seus grandes recursos.

Judic, porém, conscia do seu merito, impaciente e anciosa por se apresentar digna de si, abandonou bruscamente o *Gymnase* pelo café-concerto, *Eldorado*, onde foi contractada mediante a quantia de trezentos francos por mez.

Ahi obteve um triumpho logo na estreia; os seus lucros augmentaram consideravelmente, e o publico affluia ao *Eldorado*, encantado com a sua incomparavel dicção, e antevendo n'ella a completa e perfeitissima actriz que viria a ser.

Judic fez uma revolução entre os compositores de cançonetas para aquella ordem de espectaculos, obrigando-os a inventar para ella um genero inteiramenre novo, adequado á sua *maneira particular*, substituindo as canções grosseiras, então em voga, pelos picantes e graciosos *couplets*: «Bonjour, Printemps»—la Passenelle»—les «Baisers»—la «Cinquantaine»,—«Bras dessus, bras dessous»—«la Neige»—«Ne m'chatouillez pas!» «J'ai pleuré»—e tantos outros, que todo Paris entoava.

Durante a guerra de 1870 a 1871, emprehendeu Judic uma viagem pela Belgica, onde obteve um exito extraordinario, sendo alvo dos maiores enthusiasmos; e ali, condoida do infortunio dos seus compatriotas, por varias vezes cantou em beneficio dos francezes feridos.

Foi então que, voltando a Paris, entrou nas *Folies Bergéres* e representou o *Memnon*, ligeira operetta de Grisart, que teve um mediocre acolhimento.

Em seguida creou na *Gaité* o papel da princeza Cunegundes, no *Roi Carotte*, que lhe valeu o applauso de toda a imprensa parisiense.

Mas a sua grande reputação começou em 16 de abril de 1872, quando creou nos *Buffes Parisiens* o papel de Molda no *Timbale d'Argent*, que teve um exito colossal. Esta peça deu 800 representações consecutivas.

Em seguida, Judic tem creado papeis notabilissimos em innumeras peças, entre as quaes: *La Petite Reine*, *La Rosière d'Ici*, *Le Grelot*, *La Branche Cassée*, *Mariée depuis midi*, *Les Parisiennes*, *Bagatelle*, *Madame l'Archiduc*, *La créole*, *La Belle Helene*, com que debutou nas *Variétés*, em 15 de outubro de 1876, *Les Charboniers*, *Niniche*, que durante a época da exposição de 1878 foi um chuveiro de ouro para aquelle theatro, *Femme à Papa*, *Roussote*, *Lili*, *Mam'zelle Nitouche*, *Divorçons*, etc., etc., etc.

Eis os traços principaes da biographia da extraordinaria artista, que o publico de Lisboa admirou ha dois annos, e que não tornará talvez a ouvir, porque a formosa Lili vae brevemente passar a segundas nupcias, desposando o illustre chronista do *Figaro*, Albert Millaud, e abandonará logo depois a vida do palco.

Foi ella mesma quem o declarou a um *reporter*, no seu regresso a Paris, da excurção artistica que ha pouco realisou pela Europa e America.

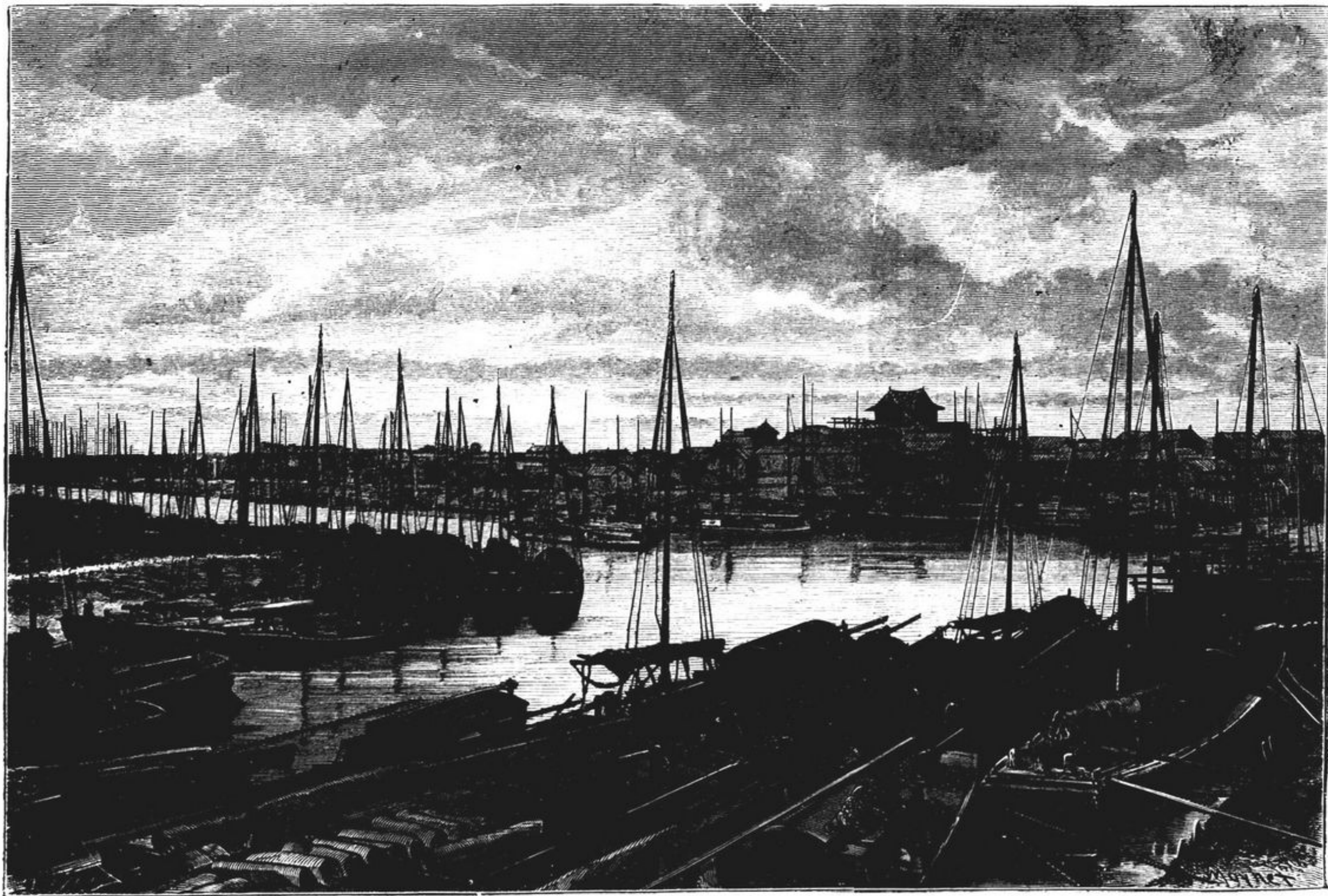
A CIDADE DE TIEN-TSIN

Tien-Tsin, uma das cidades mais importantes da China, fica a 125 kilometros a S. E. de Pekin, na provincia de Pé-tchili, sobre o Pei-ho.

O porto de Tien-Tsin é o verdadeiro celeiro da capital chineza.

A cidade propriamente dita não é muito populosa, mas junto das suas muralhas ha bairros onde se agita uma população de 50:000 habitantes.

CATHEDRAL DE WORMS

Worms é uma cidade importante do Grão-ducado de Hesse Darmstadt.

A CIDADE DE TIEN-TSIN

Esta cidade, fundada pelos Vandalos, foi conquistada por Julio Cesar, devastada depois pelos Huns e mais tarde reconstruida pelos Clovis.

Em 1122 o papa Calixto II e o imperador Henrique V concluiram ali uma concordata, que pôz fim á querella das *Investiduras.* Foi tambem n'esta cidade que se reuniu a dieta que condemnou Luthero, no conhecido edito de Worms, em 1521. Na guerra dos *Trinta-annos* a cidade soffreu bastante, e foi queimada pelos francezes em 1689, escapando do incendio apenas a cathedral, que a nossa estampa representa. Worms pertence, desde 1815, ao duque de Hesse Darmstadt.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

No exercito é inutil um rebanho—2—1.
No alphabeto come-se esta moeda antiga—1—2.

Lamego. A. D'AZEVEDO.

(A Antonio de Mattos)

Este animal com mais este é uma fera—2—2.
Immediatamente come-se este reino—1—1.

Castello Branco. J. F. LOURO.

No sapato da menina está o veneno—2—2.
Ama o que faz mal este idolatra—3—1.
Este instrumento do jogo deixou de existir—1—2.
Isolada, ao longe, aperta esta herva—1—1—1.
No velho testamento gira este appellido—1—2.

Porto. M. M. & M.

Logogriphos

(Por lettras)

Ao Pequeno Antoninho

10, 1, 6, 8, 12, 5, 18, 4 **N** 18, 4, 8, 6, 5, 15, 4, 20
9, 10, 8, 1, 5, 18, 7 **O** 17, 10, 2 19, 14, 3, 4
18, 1, 8, 13, 9, 4 **M** 1, 18, 10, 6, 1, 4
8, 1, 10, 6, 4 **E** 18, 6, 7, 15, 7
2, 16, 2, 7 **S** 3, 6, 3, 7

1, 12, 15, 12, 20, 3, 7 **D** 9, 18, 13, 4, 18, 9, 3, 7
6, 14, 6, 18, 7, 10, 7 **E** 9, 15, 3, 7, 2, 6, 4

10, 4, 11, 16, 19 **H** 14, 6, 8, 1, 4
3, 10, 6, 14, 3, 9, 7 **O** 15, 17, 10, 8, 1, 5, 7
10, 7, 18, 10, 6, 15, 4 **M** 1, 18 10, 6, 1, 2, 4
18, 16, 9, 10, 3, 13 **E** 9, 8, 1, 10, 7
11, 16, 6, 2, 3, 6, 2, 4 **M** 3, 7, 10, 11, 12, 9, 3, 4

Nome d'um assiduo collaborador da secção *Em familia* d'este semanario.

Porto. M. M. & M.

LOGOGRIPHOS DUPLOS

1, 5, 1, 4, 11—Vegetal—2, 10, 8, 1, 5
2, 1, 2, 1, 9, 5—Vegetal—5, 1, 11, 10, 11, 6
1, 8, 6, 4, 8, 9, 11—Vegetal—2, 1, 5, 6, 4, 7, 11
1, 7, 9, 6, 1, 7, 11, 6, 5—Vegetal—5, 6, 4, 7, 8, 10, 9, 1, 11
2, 10, 11, 8, 9, 10, 2—Vegetal—1, 8, 6, 11, 9, 10, 5
1, 7, 11, 10, 2, 11—Vegetal—2, 10, 6, 9, 1, 5
5, 3, 2, 10, 11—Vegetal—5, 10, 2, 10, 2

Vegetal

MATHEUS JUNIOR.

Premio, ao assignante de Lamego, que primeiro enviar a decifração ao correspondente d'este jornal n'aquella cidade:—*A velhice do Padre Eterno*

Rerrescer—8, 9, 3, 8, 9, 1, 3, 9, 11 Verbo Recrestar—8, 9, 3, 8, 9, 1, 7, 10, 11
Conchear—3, 2, 6, 3, 4, 9, 10, 11 Verbo Conhecer—3. 2, 6, 4, 9, 3, 9, 11
Cercear - 3, 9, 8, 3, 9, 10, 11 Verbo Cartear—3, 5, 8, 7, 9, 5, 11
Chocar—3, 4, 2, 3, 5, 11 Verbo Cessar—3. 9. 1, 1. 5, 11
Coser—3, 2, 1, 9, 11 Verbo Sarar—1, 5, 8, 5, 11
Cear—3, 9, 5, 11 Verbo Arar—5. 8, 5. 11
Ser—1, 9, 11 Verbo Ter—7, 9, 11
Orar—2, 8, 5, 11 Verbo Soar—1, 2, 5. 11
Sanar—1, 5, 6, 5, 11 Verbo Achar—5, 3, 4, 5, 11
Cercar—3. 9, 8, 3, 5, 11 Verbo Sonhar 1, 2, 6, 4, 5, 11
Carrear—3, 5, 8, 11, 9, 5, 11 Verbo Carecer—3, 5, 8, 9, 3, 9, 11
Ostentar—2, 1, 7, 9, 6, 7, 5, 11 Verbo Coarctar—3, 2, 5. 8. 3, 7, 5, 11
Encontrar—9, 6, 3, 2, 6, 7, 8, 10, 11 Verbo Concertar—3, 2, 6, 3, 9, 11, 7, 10, 11

Verbo

Lamego. A. D'AZEVEDO.

LOGOGRIPHO ANAGRAMMA

(Por lettras)

Ao insigne charadista «Pequeno Antoninho»

Re **P** til.......... 7, 3, 4, 7, 3, 4, 7
Ius **E** cto.......... 8, 7, 10, 4, 5
Q uadrupede..... 7, 1, 11, 7
Arb **U** sto.......... 7, 9, 1, 7, 9
Mo **E** da.......... 8, 7, 6, 12, 8
Mo **N** te.......... 7, 9, 7
C **O** r.......... 7, 1, 7, 8, 9, 13, 11, 7, 6, 14

A rvore.......... 7 9, 5, 14
Da **N** sa.......... 10, 5, 1
Pin **T** or.......... 8, 4, 10, 12, 1, 1, 14
C **O** r.......... 7, 8, 7, 10, 11, 1, 1, 14
Fo **N** te.......... 7, 1, 9, 4, 1, 7
I nsecto.......... 9, 5, 9, 5, 14, 7
Mo **N** te.......... 7, 9, 12, 1, 7
H erva.......... 7 1, 8, 2, 10, 7
Dr **O** ga.......... 14, 1, 8, 11, 7

Conceito—Vegetal

A. AMOR DE MELLO.

Carta enigmatica

(Por lettras)

Meu caro 14, 5 10, 12, 1, 4, 9, 13

Escrevo-te de 10, 12, 7, 14, 5, 12, 11, 10, onde cheguei esta manhã. Como sabes, demorei-me dois dias em 15, 9, 12, 4, 1, 13, seguindo depois para 13, 12, 2, 9, 13, onde encontrei o nosso amigo 13, 12, 14, 7, 9, 13, chegado havia pouco de 5, 2, 1, 6, 12, 1. Por elle soube que estiveste algum tempo em 14, 1, 10, 12, 2, 8, 5, 3, 10, 5, 2, 6, 9. Disse-me tambem que pediste a mão de 1, 4, 14, 12, 2, 6, 5, filha d'um dos mais abastados proprietarios de 3, 5, 12, 1. Dou-te, portanto, os meus sinceros parabens; teu primo 6, 7, 14, 12, 2 3, 15, 13 não havia de ficar muito satisfeito com o teu proximo enlace. Adeus, acceita um abraço do teu velho amigo, que te offerece os seus serviços limitados em 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 13, 14, 15, para onde partirá em breve.

Teu affectuoso

8, 11, 2, 15, 4, 12, 7

Porto. M. M. & M.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Sado—Marfim—Carolina—Marmello—Latino—Labrusco—Peterra—Almario—Mangualde—Cavado.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Lucia-Lima—Somno.

DOS LOGOGRIPHOS: —Alberto—Andromeda—(Pescolobrinos-Estaphisagria).

DO ENIGMA (SALTO DE CAVALLO):—A fidelidade é uma das difficuldades da vida, mas assim como se póde ser fiel só por temperamento ou caracter, pode-se sel-o tambem obstinadamente por convicção ou inteireza.

Janer.

DO PROBLEMA:—243 litros.

*

Na decifração do problema do n.º 47, onde se lê 16, deve ler-se 18.

EXPEDIENTE

Enviaram-nos a decifração exacta do logogripho do nosso ultimo numero, posto a premio, os srs.: Pequeno Antoninho, de Vizeu, F. T. Xavier Marques, de Lisboa, João Carlos Monteiro Torres, de Leiria, José Mendes de Gouveia, de Alcantara, F. Lourenço, de Faro, e Eduardo E. A. Ferreira, de Lisboa.

Teve direito ao premio, o terceiro d'estes cavalheiros.

A RIR

Um creado de quarto, modelo dos ingenuos, dá conta a seu amo do modo como emprega o tempo.

—Creio que me ha de approvar. Eu dou a cada dia um emprego especial, afim de fazer tudo regularmente. Por exemplo: na segunda feira, limpo o quarto... na quinta, vou a casa dos fornecedores, e no sabbado... no sabbado...

—Então? O que fazes n'esse dia?

—Ah! já sei! no sabbado, vou deitar as cartas no correio!

*

Falla-se sobre a influencia do café. Uns dizem que faz muito bem á saude, e outros affirmam que abrevia as existencias, tomado em grandes dóses.

—Meu pae tomou café toda a sua vida, e isso não o impede de ter hoje setenta e dois annos.

—Pois sim, responde Calino; mas se o não tem bebido, talvez já tivesse oitenta!...

UM CONSELHO POR SEMANA

DORES DE DENTES

Poucos são os felizes que nunca sentiram, uma vez na vida, ao menos, estas dores insupportaveis e mofinas.

Para as debellar completamente aconselhamos o seguinte remedio caseiro, que além de efficaz, é simples.

Aqueça-se um pedaço de vidro qualquer,—de vidraça, por exemplo,—e mergulhe-se, acto continuo, n'um litro de vinagre. Com este liquido assim preparado, toma-se um ou dois gargarejos, e as dores desapparecerão de todo, como que por encanto.

Assim nol-o affirma quem já teve de recorrer á experiencia.

O LUIZINHO

O Luizinho fôra creado com todo o refinamento aristocratico da sua excepcional posição de filho unico de viuva rica e beata.

Na pequena cidade d'Angra, onde esta historia se passa, o palacio da viuva Pires era o centro religioso, para onde convergiam as attenções do elemento reaccionario. Na pequena capella do palacio havia missa todos os dias, terço á tarde e pequenas festas intimas de varios santos patronos de todo o pessoal da casa.

Foi n'este meio, perfumado d'incenso e rosmaninho, que o Luizinho se desenvolveu. O excesso da devoção da viuva Pires trasbordou com o tempo, para as egrejas, e era de ver, como se faziam festas á custa d'ella, nas quaes s. ex.ª tinha um logar d'honra na capella-mór, como se fosse um bispo. Em uma rica poltrona de madeira preta estufada de velludo vermelho, ostentava-se a viuva Pires, descançando os pés n'um banquinho. Ao lado, n'outra cadeira, o Luizinho. Para baixo da teia da capella-mór, as amigas, isto é, a sua côrte, os seus clientes e os seus criados.

Nas festas pagas pela viuva, havia sempre boa musica, muitos padres e um bom prégador; muitos repiques de sinos e um numero infinito de foguetes de tres respostas, atirados do alto do campanario, como um reclamo feito para o céo.

A viuva apresentava-se sempre n'estas solemnidades, em toilette de seda ou velludo preto, o que lhe dava um grande ar. Ao seu lado, o Luizinho, espantosamente guapo, com o seu fato de pescador napolitano ou de outra qualquer fantasia, era o enlevo de todos os padres que o chamavam para junto de si, beijocando-o.

Foi o menino crescendo e a viuva gastando dinheiro á larga com festas religiosas. Contava o Luizinho os seus desoito annos e já era um completo carola. Ninguem, como elle, envergava com mais elegancia uma opa do Santissimo e empunhava com mais *aplomb*, nas procissões, a vara de prata, de juiz da confraria.

Nas varandas havia um fremito d'enthusiasmo entre as meninas casadoiras, quando a cabeça loira do Luizinho, penteada no rigor da moda, e o seu buçosinho petulante, assomavam ao fundo do duplo cordão vermelho da confraria, quasi junto ao pallio.

Quando porém o Luizinho brilhava, mostrando os seus extraordinarios conhecimentos technicos de carolice, era nas endoenças. No orago da sua freguezia, ninguem se atrevia a pôr mão n'uma jarra de flores, n'uma serpentina de prata, para ornar o throno. Elle é que collocava tudo com as suas finas mãos patricias, rodeado de um batalhão de moços de fretes, operarios, meninos de côro, sacristas e sineiros.

A egreja era atapetada nos sitios reservados ao *high-life* da terra. A' entrada d'estes recintos, defendidos por fortissimas teias de pau Brazil, soldados de caçadores, nos seus uniformes de briche, descançavam enfastiadamente as armas, no chão, tendo ordem de não deixar seguir senão senhoras e cavalheiros enluvados.

No lavapés de quinta feira maior, era o Luizinho que levava o jarro de prata e deitava a agua. Na sexta feira da paixão, era elle o unico que deitava ostensivamente uma peça d'oiro de D. José na bandeja dos trinta dinheiros do Judas. No sabbado d'alleluia, era ainda elle que pagava a uma banda marcial para romper no côro um hymno formidavel de *excelcis deo*, e abria com mão tremula a tampa de uma cesta donde saiam pombas brancas com longas fitas ao pescoço, voando espantadas pela arcaria do templo.

Todos os clerigos juravam, sobre as suas caixas de rapé, que a unica vergontea da viuva Pires era o christão mais temente a Deus, que a diocese açoriana possuia. O bispo apertava-lhe a mão, quando o encontrava. O vigario geral enfiava-lhe o braço familiarmente.

Um dia, dia fatal, foi convidado o Luizinho, pelo general commandante da divisão, para um piquenique na sua casa de campo. Não podia faltar, porque o general, alem de ser visita da mãe, era, n'aquelle acanhado meio social, quasi um rei. Montou a cavallo e levou como todos os outros, presa ao arção, uma pequena mala de coiro, com vitualha.

A quinta do general era um d'estes logares fadados pela natureza para o prazer de um banquete campestre e o encanto de uma sésta de sr. abbade. Bivacaram todos. Cada um abriu a sua mala e mostrou ao olhar curioso dos seus amigos o que se lembrara de trazer. As gargalhadas e os ditos picantes cruzaram-se nos ares.

O gracioso da reunião era um velho official do governo civil, conhecido pelas suas partidas.

—Eu cá, disse elle sorridente, trago um jantar de gallinha.

Todos:

—Ah!

—Vão vêr.

E mettendo rapido a mão na mala, poisou successivamente, em cima do vasto encerado estendido sobre a relva e que servia de mesa, um pratinho com milho cru, outro com farelo e outro cheio de couve crua, picada.

Grande risota.

Correu alegre o piquenique e copiosas as libações. Ficou ao lado do Luizinho, uma rapariga judia, de grandes olhos escuros como a noite, velados por cilios enormes, d'azeviche. A côr morena, um sorriso feiticeiro, fazendo covinhas aos cantos da bocca sensual. Cabellos soberbos sobre uma fronte pequenina. Nariz judaico.

A judia tinha 16 annos e era muito considerada, por ser filha de um negociante hebraico, riquissimo, tambem presente. Chamava-se Esther e tinha sido educada em Londres, d'onde havia trazido as modas e os costumes. Ninguem a censurava das liberdades que a si mesma se dava.

A Esther ficara ao lado do Luizinho, que já conhecia d'outras reuniões. Não podendo estar quieta nem um instante, tirava quasi todos os boccados que o pobre rapaz levava á bocca e comia-os nas bochechas d'elle; entornava-lhe o copo, e por fim, fingindo ter dó d'elle, e querendo por sua mão, metter-lhe algumas garfadas na bocca, no momento em que elle estendia os labios todo guloso, retirava rapidamente o garfo e comia ella propria. Este jogo divertia-a extremamente e aos convivas.

CATHEDRAL DE WORMS

Depois do jantar, propoz a endiabrada rapariga um passeio a cavallo, ao Luizinho, e desprendendo da cintura a cauda da sua saia d'amazona, montou com grande ligeireza, partindo os dois a galope.

Apenas tinham desapparecido, um sujeito gordo, bom conhecedor da localidade, disse para o judeu.

—Eu, no seu logar, não tinha consentido...

—Porquê?

—Porque no Rebentão de Baixo, para onde elles galoparam, seduzidos pela planura do terreno, ha manadas de gado bravo.

O israelita empertigou-se todo, e respondeu:

—Mi filha non tém medo di cos'alguna. Pór Dios! Mi córto lo pececoço, se uno tóro és cápaz di apanhar-la!

—

Duas horas depois, chegava á quinta, a toda a brida, um abegão, o cavallo coberto d'espuma, a procurar o judeu e participar-lhe um grande desastre.

—Os seus filhos, disse o pobre homem, ignorante da educação ingleza que permittia andarem por montes e valles dois jovens que não eram irmãos, foram colhidos pelos toiros a tres leguas d'aqui. O menino nada soffreu, porque ao ser derribado com o cavallo, fingiu-se morto; mas a menina não teve essa afoiteza, apezar de lh'o recommendar o seu companheiro, e quando se sentiu cheirada pelo toiro, estremeceu e soltou um grito. Foi n'este momento que o animal a sacudiu, enterrando-lhe um chifre no lado direito. Nós todos acudimos, mas não podémos evitar esta desgraça. A menina foi levada em braços para minha casa, que felizmente fica perto do sitio onde se deu o caso, e o menino mandou-me á carreira, chamar o sr. e um medico que, diz elle, deve estar n'esta quinta.

Effectivamente estava no piquenique, um medico militar, muito amigo do general. Partiu logo acompanhado do judeu e d'outros cavalheiros.

Chegados a casa do abegão, viram um espectaculo doloroso. Estirada sobre uma cama, pallida como uma defunta, e os fatos dilacerados, estava a linda judia. Tinham-lhe cortado o vestido e collocado sobre a ferida uma toalha para vedar o sangue. O medico sondou a ferida e declarou que não era mortal, mas que poderia ser perigosa pela homorrhagia e pela febre. Declarou, tambem, impossivel, remover a enferma para a cidade. Tinha de ficar em tratamento n'aquella casa.

O judeu arrepelava-se ante a decisão do doutor, porque, tendo negocios importantes na cidade e não possuindo mais ninguem de familia senão a Esther, não podia permanecer a seu lado. Faltava evidentemente uma creatura intelligente e dedicada que velasse pela pobre menina no meio d'aquella boa gente rustica, que demais a mais, nunca lhe perdoaria a sua differença de religião.

Então o Luizinho, muito commovido, abeirou-se do judeu e disse-lhe com simplicidade.

—Eu não tenho negocios e posso ficar aqui dia e noite, até que sua filha melhore o sufficiente para se mudar para casa.

O judeu deu-se pressa em acceitar o offerecimento, e o Luizinho instalou-se á cabeceira da doente, como uma irmã da caridade.

A judiasinha, só no fim de tres mezes pôde dar uns passos no quarto, pelo braço do Luizinho, radiante por este acontecimento, e a quem ella chamava familiarmente—o mano cá, o mano lá.

Melhorou rapidamente, como todas as raparigas. Só no fim de seis mezes, porém, abandonou a casa do abegão.

O que se passou entre os dois jovens?...

* * *

A egreja, isto é, o bispo, o cabido, os irmãos do santissimo e os meninos do côro, estavam seriamente escandalisados com o procedimento do Luizinho, como elles ainda lhe chamavam. Por mais que se benzessem, não podiam soffrer com paciencia estes amores de um menino tão religioso com uma judia!

O golpe de misericordia, porém, não estava ainda dado. Assim que melhorou de todo, a gentil judiasinha, annunciou á embasbacada sociedade da ilha, em elegantes cartões Bristol com caracteres doirados, o seu «casamento civil» com o Luizinho, ficando cada um dos conjugues com a sua religião; isto a contento dos paes d'ambos!

Imagina-se facilmente o assombro geral.

José Maria da Costa.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada, 35, Lisboa